

## **REQUERIMENTO N° , DE 2013**

Requeiro, nos termos do Art. 93, do Regimento Interno do Senado Federal, seja realizada Audiência Pública no âmbito desta Comissão de Assuntos Econômicos – CAE, para tratar o tema da **Reindustrialização no Brasil.**

Para discutir o tema, requeiro sejam convidados:

- **CARLOS EDUARDO ABIJAODI** – Diretor de Desenvolvimento Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI);
- **EDMAR LISBOS BACHA** - Diretor do Instituto de Estudos de Política Econômica (CASA DAS GARÇAS);
- **MANSUETO FACUNDO DE ALMEIDA JÚNIOR** – Técnico de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e
- **LUIZ GONZAGA BELLUZO** – Pesquisador e Consultor. Diretor da Faculdades de Campinas (FACAMP).

### **JUSTIFICATIVA**

Desde a mudança do regime cambial brasileiro, em 1999, o Brasil tem se adaptado aos impactos das flutuações cambiais. Sem dúvidas, os setores produtores

de bens comercializáveis com o exterior são os que mais percebem os impactos dessas flutuações.

A indústria, em particular, tem uma experiência acumulada nessa direção. No pós-1999, o Real se deprecou permitindo um ciclo virtuoso de substituição de importações, de aumento de exportações, e de novos investimentos produtivos. Em decorrência desse período, o Brasil alcançou uma condição extremamente favorável nas suas contas externas, especialmente entre 2004 e 2008.

Acumulou reservas, abateu a dívida externa, melhorou o perfil do endividamento público. A indústria de transformação, por seu turno, passou de uma participação relativa no PIB de 15,7% em 1998 para 19,1% em 2004.

No entanto, após esse período e, em especial, após a crise internacional, o Real acelerou o ritmo de valorização, provocando uma inversão de todo esse processo. Até muito recentemente a desindustrialização brasileira era tema obrigatório na Agenda de preocupações sobre o futuro do Brasil. A participação relativa da indústria de transformação desceu a 13,25% em 2012!

Embora se observe uma tendência de longo prazo, mundial, de perda de participação relativa das indústrias de transformação no total do PIB, esse movimento tem sido bastante heterogêneo entre as diversas regiões do Globo. As regiões ou grupos de países mais afetados pela desindustrialização foram a OCDE e Europa Central, seguidos pela América Latina. A China foi a grande exceção, fez movimento contrário e se industrializou no período. O Brasil, situado nesse contexto, passa por uma moderada doença holandesa desde 1993, quando os

padrões de participação da indústria no total da economia relevam-se abaixo do verificado para países com características similares (grau de desenvolvimento, dotação de fatores, demografia, instituições, etc).

Como lidar, enfim, com as flutuações e entender os movimentos que extrapolam a tendência de longo prazo da economia? Como fortalecer a indústria para que ela possa adquirir competitividade e dinamismo suficientes para mitigar os impactos de tais flutuações sobre a atividade produtiva, e para que esta possa aumentar sua participação da geração da renda? Como tirar proveito tanto das lições trazidas pelo passado mais distante e pelas experiências internacionais?

Qual, enfim, deveria ser a Agenda da reindustrialização brasileira em um período no qual o Real volta a se depreciar e, ao que tudo indica, trata-se de uma tendência para os próximos anos? O Brasil está bem preparado para aproveitar as oportunidades que surgem no cenário internacional? E as ameaças?

Mais uma vez temos diante desta Casa o desafio de debater o futuro da Indústria no Brasil. Sendo assim, peço especial apoio desta Comissão para realizarmos o debate.

Sala das Sessões,

Senador **Ricardo Ferraço**